

**A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO EM
O MEU PÉ DE LARANJA LIMA, DE JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS**

Rita de Cássia Verdi Fumagalli ¹
Maria Thereza Veloso ²

RESUMO: O objetivo desse artigo é o estudo dos processos de constituição discursiva do personagem principal da obra literária homônima, de José Mauro de Vasconcelos, *O Meu Pé de Laranja Lima*, escrita em 1968. Esta pesquisa tem a Análise do Discurso (AD) de filiação francesa como base teórica, a fim de evidenciar conceitos fundamentais como os de Sentido e Sujeito e a constituição do sujeito no interdiscurso. A Análise do Discurso criada por Michel Pêcheux analisa o texto no momento da escrita, invertendo a linha de raciocínio a respeito do processo de produção; a atenção se volta para o discurso e não mais para o sujeito como dono de sua fala, pois os processos discursivos não têm sua origem no sujeito, por mais que se realizem fundamentalmente nesse sujeito. O estudo da constituição do sujeito, através do seu discurso, busca a compreensão sobre como o personagem da obra é constituído discursivamente através de já-ditos em discursos outros, de outros lugares e circunstâncias ideológicas, ou seja, o sujeito discursivo (SD) Zezé é um efeito de sentido nascido na e da relação discursiva com outros sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Sujeito Discursivo; *O Meu Pé de Laranja Lima*; Constituição discursiva.

RESUMEN: El objetivo de ese artículo es el estudio de los procesos de constitución discursiva del personaje principal de la obra literaria homónima, de José Mauro de Vasconcelos, *Mi Pie de Naranja Lima*, escritura en 1968. Esta investigación tiene el Análisis del Discurso (AD) de filiación francesa como base teórica, a fin de evidenciar conceptos fundamentales como los de Sentido y Sujeto y la constitución del sujeto en el interdiscurso. El Análisis del Discurso creada por Michel Pêcheux analiza el texto en el momento de la escritura, invirtiendo la línea de raciocinio acerca del proceso de producción; la atención se vuelve para el discurso y no más para el sujeto como dueño de su habla, pues los procesos discursivos no tienen su origen en el sujeto, por más que se realicen fundamentalmente en ese sujeto. El estudio de la constitución del sujeto, a través de su discurso, búsqueda la comprensión sobre cómo lo personaje de la obra es constituido discursivamente a través de ya-dichos en discursos otros, de otros lugares y circunstancias ideológicas, o sea, el sujeto discursivo (SD) Zezé es un efecto de sentido nacido en la y de la relación discursiva con otros sujetos.

PALABRAS-CLAVE: Análisis del Discurso; Sujeto Discursivo; *Mi Pie de Naranja Lima*; Constitución discursiva.

Introdução

Sendo os sujeitos seres que ocupam uma posição no espaço social, e, como tais, produzem discursos determinados por lugares e tempos e circunstâncias sócio-históricas,

¹ Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Frederico Westphalen; Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: ritacassiaverdi@yahoo.com.br.

² Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras, da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de Frederico Westphalen. E-mail: veloso@uri.edu.br

situando-se em relação aos discursos dos outros, o presente artigo parte do pressuposto de que falar em discurso significa atribuir a essa palavra a ideia de curso, de movimento e, desse modo, tratá-lo como prática de linguagem em que se observa o homem falando.

Nessa perspectiva, a Análise do Discurso (AD) tem como preocupação norteadora o imbricamento entre um modo de enunciação e o lugar histórico social de onde emerge essa enunciação. Em outras palavras, seu objetivo é apreender a linguagem enquanto discurso entendido este discurso como a instância em que se materializa o contato entre o linguístico (sistema de regras, de categorias) e o não linguístico (aplicações sociais, históricas e psíquicas), pela atividade de sujeitos que interagem em situações concretas. Discurso, portanto, é entendido aqui como o ponto de articulação entre processos sócio-histórico-ideológicos e fenômenos linguísticos.

Em vista disso, torna-se necessário reconhecer a importância do discurso, conhecer as circunstâncias de sua produção e seus efeitos para que seja possível entender melhor como nos constituímos enquanto sujeitos, através do nosso próprio discurso e pelo discurso do outro. Nesse sentido, durante o processo analítico, será investigado como Zezé, personagem principal da obra, constrói seu discurso em um cenário saturado por discursos outros e de outros, com os quais e a partir dos quais estabelece alguma forma de relação discursiva.

Em *O Meu Pé de Laranja Lima*, Zezé recupera, através de seu discurso, suas impressões de uma infância difícil, em que era um menino vítima de violência física e psicológica e recebia rótulos como “demônio”, “coisa ruim” etc., devido às travessuras da idade, rótulos vindos de um tempo outro, de um “já-lá”, em um discurso de outrem, em relação ao seu comportamento e atitudes. É nessa forma-sujeito³ que Zezé se constitui enquanto Sujeito Discursivo (SD), passando a acreditar com veemência nos discursos negativos que impregnam a formação discursiva que o determina enquanto sujeito e pelos quais constantemente se martiriza.

Levando em conta as considerações citadas e os fundamentos teóricos da AD, que tem seu foco no estudo “da língua funcionando para a produção de sentidos” (ORLANDI, 2013, p. 17) é que se delinea esta pesquisa, partindo da perspectiva de que a linguagem não é

³ Forma-sujeito (FS) é a forma pela qual o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui. Esta identificação baseia-se no fato de que os elementos do interdiscurso, ao serem retomados pelo sujeito do discurso, acabam por determiná-lo. A forma-sujeito é responsável pela ilusão do sujeito. (FERREIRA, 2005, p. 15).

transparente e de que os estudos em AD possibilitam que o homem e a língua sejam entendidos em suas concretudes e não enquanto sistemas abstratos.

A Análise do Discurso como procedimento interpretativo

A AD surgiu na França, na segunda metade do século XX, como uma teoria da leitura, rompendo com uma tradição de práticas teórico-analíticas voltadas para a interpretação, tais como empreendidas pela hermenêutica e pela análise de conteúdo. Essa teoria foi oficialmente inaugurada em 1969, com a publicação da obra de Michel Pêcheux, denominada *Análise Automática do Discurso* (AAD), e com a publicação da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois. A AD, na conjuntura política e intelectual francesa, toma o discurso por objeto de estudo. Essa corrente das ciências da linguagem busca articular o linguístico e o social, demonstrando as relações que vinculam a linguagem à ideologia.

A AD surge, então, como uma disciplina que propõe problematizar as maneiras de ler, considerando a opacidade como característica constitutiva da linguagem. Ao mediar a relação com o texto, essa disciplina possibilita que se enxerguem formas de significação que dificilmente seriam vistas a olho nu, ou seja, que seriam invisíveis sem os dispositivos teóricos de análise fornecidos por esse campo do saber. A AD acredita que há mais sentidos além do que está explicitado na superfície linguística. Portanto, não atribui ao discurso um sentido único e fechado. Cabe ao analista explicitar o caminho pelo qual se chegou ao sentido evidente (e se calou outros possíveis), como mostra Maingueneau, de acordo com Pêcheux:

A Análise de Discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito [...] o desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal. (PÊCHEUX *apud* MAINGUENEAU, 1997, p. 11).

Nessa perspectiva, é importante para a AD que sejam considerados os sujeitos, suas inscrições na história e as condições de produção da linguagem. Analisam-se, assim, segundo esse domínio de estudo, as relações estabelecidas entre a língua e os sujeitos que a empregam e as situações em que se desenvolve o dizer, permeadas pelo contexto histórico e ideológico em que o sujeito está inserido.

Diante do exposto, pode-se resumir que o discurso é a materialização das ideologias histórica e socialmente construídas, e que toma forma a partir da linguagem. A ação do discurso gera efeitos de sentido, que são compreendidos como a significação do discurso por diferentes grupos ou indivíduos sociais. O discurso só acontece a partir das relações dialéticas dos indivíduos que, dependendo dos seus lugares histórico-sociais, apreenderá e caracterizará efeitos, sujeitos, discursos e ideologias.

Nesse sentido, a interação na construção das relações dos sujeitos entre si, com o mundo e sua história, é fundamental para a AD, uma vez que o sujeito não pode ser visto de forma individualizada, mas considerado um ser social. Integrado a um espaço coletivo, ele constrói sua relação com outros sujeitos e com o mundo utilizando-se da palavra.

Dessa forma, a AD possibilita analisar os discursos que atravessam uma obra literária e a constituem, bem como as condições de produção desses discursos e como os sujeitos se constituem ao longo da narrativa. Ela serve de base a este estudo para que seja possível observar, ao longo da análise, como esse processo de significação ocorre.

Sentido e Sujeito na Análise do Discurso

Na AD, não se trata do sentido enquanto entendimento, enquanto tradução, enquanto racionalização, e sim de sentido como efeito/produção de um enunciado, o que não descarta o entendimento oriundo desse efeito. Dessa forma, a língua não funciona como um código que se presta à transmissão de informações entre interlocutores. No lugar dessa ideia, a AD procura mostrar que a linguagem se configura como um lugar de inscrição do discurso, ou seja, o material, no qual se inscreve, é da ordem do discurso. Este, por sua vez, materializa-se na língua e nela se inscreve, determinando seu funcionamento. Com isso, a língua só funciona porque é afetada por fatores históricos e sociais que inscrevem sentidos nas práticas discursivas. Colocar a língua em funcionamento pressupõe um processo complexo, no qual sujeito e sentido se constituem mutuamente.

Nesse sentido, o sujeito não pode ser visto como o controlador do dizer, como se os sentidos do que ele diz se inaugurassem nele. É essa a preocupação da AD - pôr em questão a ideia de concepção de sujeito, aquele sujeito que perde a polaridade centrada ora no eu, ora no tu e vai se enriquecendo através da relação entre identidade e alteridade. Para a AD, o centro

dessa relação não está nem no eu, nem no tu, mas no espaço discursivo entre ambos. Dessa maneira, um discurso não se constrói sobre a realidade, mas sempre sobre outro discurso.

Para Michel Pêcheux (1997), o sujeito constrói sua identidade na interação com o outro e o espaço dessa interação é o texto. O texto encena, dramatiza essa relação. Nele, o sujeito divide seu espaço com o outro porque nenhum discurso provém de um sujeito primitivo que, num gesto inaugural, emerge a cada vez que fala/escreve como fonte única do seu dizer. Não há, portanto, um entendimento de sujeito como indivíduo singularizado *a priori*. O que ocorre são processos de subjetivação que se dão na esfera do discursivo.

Assim, a noção de sujeito, em Pêcheux, é determinada pela posição, pelo lugar de onde se fala. E esse sujeito fala do interior de uma formação discursiva⁴ (FD), regulada por uma formação ideológica (FI), o que o leva a conceber uma subjetividade assujeitada às coerções da FD e da FI. Em outras palavras, os sentidos são, em todo tempo, estabelecidos ideologicamente, existindo somente nas relações metafóricas. Com isso, pode-se afirmar que tudo que se diz possui “um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos”. (ORLANDI, 2013, p. 43).

Dessa maneira, segundo os pressupostos teóricos da AD, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Este é o princípio básico da noção de sujeito em AD. Assim, o sujeito é, desde sempre, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. A AD parte do pressuposto de que o sujeito não é fonte do sentido, mas se forma por um trabalho de rede de memória, acionado pelas diferentes FDs, que vão representar, no interior do discurso, diferentes posições-sujeito, resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos, presentes nesse discurso.

O ato da enunciação abrange outras condições de produção desse dizer, como o social e o histórico. As relações da linguagem com o social ligam as palavras às condições em que elas são produzidas. O lugar socioideológico de que o sujeito faz parte orienta suas ações, levando-o a agir e pensar de acordo com a ideologia dominante naquela conjuntura. Nesse sentido, é fundamental, ao analisar o discurso, considerar os aspectos sociais, ideológicos e históricos na fala dos sujeitos, em processo de interlocução, o que nos revela como são várias as formas de se significar com a linguagem. A AD, dessa forma, pode ser entendida como

⁴ Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito/articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

uma teoria semântica que entende sentido e sujeito como resultantes (mas constitutivamente inacabados) do processo histórico e social. É esse processo histórico-social que determina as constituições e contradições, tanto do sujeito quanto do sentido. É no processo discursivo que eles, sentido e sujeito, constituem-se.

A memória discursiva e a constituição do sujeito no interdiscurso

As condições de produção do discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação discursiva. Nessa perspectiva, a memória também faz parte da produção do discurso, como expõe Orlandi: “a maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental”. (2013, p. 30). É correto afirmar, então, que a memória discursiva está associada às condições de produção dos discursos e assume algumas características quando pensada em relação ao discurso.

Nessa perspectiva, em seu livro *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*, Orlandi (2013) toma a memória discursiva como um sinônimo do conceito de interdiscurso, ou seja, é tudo aquilo que fala antes, em outro lugar, o já-dito que está na base do dizível. Isso porque, quando o sujeito fala, pensa que é a origem do seu dizer, mas na verdade, este dizer já foi dito e pertence à memória coletiva, social. Para Orlandi (2013, p. 31), a memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”.

São os dizeres disponibilizados pelo interdiscurso que afetam o modo como o sujeito significa em uma dada situação discursiva. Esses dizeres não são transparentes, legíveis, pois estão inseridos em diálogos interdiscursivos e, por isso, são atravessados por falas que vêm de seu exterior, ou seja, os enunciados estão clivados de pegadas de outros discursos.

Conforme Orlandi (2013), o sujeito está interligado com o discurso da memória, pois é um sujeito que traz sempre em seu discurso marcas de algo já evidenciado, que está, a todo o tempo, resgatando lembranças ou até mesmo as esquecendo e as excluindo de forma consciente ou inconsciente. Sendo assim, o sujeito não é fonte de seus dizeres, mas constrói seu discurso retomando elementos anteriores e exteriores a ele. Nessa perspectiva, enfatiza Orlandi,

o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas

não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “X” (ilusão da entrevista *in loco*). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados. (ORLANDI, 2013, p. 32).

Nessa acepção, o sujeito necessita, indiscutivelmente, dessa memória discursiva para que os discursos façam sentido socialmente. A noção de memória discursiva não está presa à lembrança centrada na esfera individual e sim a uma memória de natureza social, coletiva, descentrada do indivíduo e centrada no grupo social. Trata-se, então, de um conjunto de já ditos que sustentam todo o dizer. É por meio do inconsciente e das ideologias que as pessoas produzem sentidos, uma vez que estão filiadas a um saber discursivo que não é aprendido e sim produzido.

Dessa maneira, a memória discursiva assume papel significativo dentro de um texto, pois é ela que vem restabelecer os implícitos, ou seja, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, de que sua leitura necessita: “a condição do legível em relação ao próprio legível”. (ACHARD *et al*, 1999, p. 52). Dessa forma, a memória discursiva pode ser compreendida como o efeito da presença do interdiscurso no acontecimento do dizer. Esse discurso é atravessado por sentidos não ditos, que se apagam para o sujeito. É assim que o interdiscurso se faz memória discursiva, produzindo um movimento nas redes de memória, instaurando o efeito de diferente, de outro dizer.

A noção de memória discursiva, proposta por Pêcheux e evidenciada nas considerações de Orlandi (2013), é aquela em que a memória se engendra no fio do discurso, possibilitando ao analista observar a filiação do sujeito às formações ideológicas.

Nesse caso, o sujeito é afetado pelos dizeres já estabelecidos anteriormente, num processo imaginário, onde sua memória não reverbera, ou seja, ela estaciona e só repete, e, assim, o sentido não flui e o sujeito não se desloca. Com efeito, toda a prática discursiva nos leva ao engano de que o efeito de sentido constituído produz um sentido único. Por isso, temos a ilusão de que os sujeitos são a fonte do sentido e de que têm domínio sobre que dizem.

De fragmento em fragmento é que se constitui o sujeito. A constituição do sujeito discursivo Zezé na materialidade discursiva de OMPLL

É evidente, como já destacado na fundamentação teórica deste trabalho, que a AD de linha francesa não considera o discurso como simples expressão do pensamento, e sim algo produzido a partir de uma dada exterioridade, carregando em seu interior elementos que estão interligados ao lugar social, histórico e ideológico no qual o sujeito está inserido.

Diante dessa assertiva, percebe-se que o SD Zezé é constituído por diversas vozes sociais, elencando em seu interior a história e a memória. Dessa forma os sentidos do seu discurso não nascem da vontade repentina de enunciar, eles estão ligados diretamente com a memória, ou seja, esses sentidos nascem de um trabalho sobre outros discursos que o SD repete, ou modifica. Todo seu discurso tem relação com a memória discursiva que acaba constituindo a sua base de sustentação devido à existência de sentidos que estão sedimentados e que circulam nas práticas sociais como evidências confirmadas como naturais, constituindo a sua historicidade discursiva.

Em *O Meu Pé de Laranja Lima*, destacam-se muitos aspectos referentes à importância da memória discursiva na organização narrativa. Na narrativa, a sucessão dos capítulos corresponde a uma evolução da consciência do personagem Zezé face à sua situação pessoal e social e as recordações, marcas do lirismo da obra, estão indelévelmente ligadas a acontecimentos penosos, dolorosos e traumáticos (a violência física e psicológica, as perdas irreparáveis de entes queridos), e a sentimentos que marcam, determinam e formam o SD Zezé.

Na obra, são várias as referências explícitas ao ato de recordar e, nestes casos, a memória discursiva funciona como ponto de partida para que, dentro da narrativa principal, encaixem-se breves narrativas e/ou descrições, que parecem surgir casualmente. A subjetividade de Zezé aparece no livro em contraponto ao grupo familiar e social em que vive e as suas lembranças sobre como era tratado por este grupo, como pode ser evidenciado no

RD 1:

Zezé:

Porque em casa eu aprendia descobrindo sozinho e fazendo sozinho, fazia errado e fazendo errado acabava sempre tomando umas palmadas. Até bem pouco tempo ninguém me batia. Mas depois descobriram as coisas e vivem dizendo que eu era o cão, que eu era capeta, gato ruço de mau pelo. (VASCONCELOS, 2013, p. 11).

Nota-se que o sujeito Zezé, através de seu discurso, tenta narrar e explicar fatos acontecidos em seu ambiente familiar, evidenciando sempre um sentido mais ou menos integrado e estável de si mesmo. Este sentido de si mesmo é construído a partir das

diferenciações e identificações que o SD vai estabelecendo em relação às pessoas a sua volta, ou seja, os seus Outros⁵. O uso explícito do pronome pessoal “eu”, que o individualiza no conjunto familiar, é reiterado pelo SD Zezé não uma, mas várias vezes, seja ao não identificar nominalmente seus familiares, mas indeterminando-os pelo uso de verbos flexionados na terceira pessoa do plural, como em “descobriram” e “vivem”, seja quando reitera a sensação de isolamento pelo uso repetido do adjetivo “sozinho”, tanto para o descobrir quanto para o fazer, ações essas de inserção/interação do SD Zezé com o meio onde vive, durante as suas brincadeiras de faz de conta e no contexto das interações cotidianas com os adultos.

Nessa interação, observa-se que toda manifestação de pensamento emitida pelo SD se constrói como uma resposta a experiências nascidas da convivência com grupos constituídos por outros sujeitos. É, assim, construída pelo exterior, que ideologicamente o constitui enquanto SD.

Nesse sentido, a memória discursiva funciona como um operador pré-discursivo, fundamental na produção dos discursos. Em OMPLL são várias as referências em que o SD Zezé retém estados mentais de sua memória na construção de seu discurso. Muitas vezes essas passagens e descrições parecem surgir casualmente, como é o caso do **RD 2**, em evidência a seguir:

Eu estava me lembrando de uma música que mamãe cantava quando eu era bem pequenininho. Ela ficava no tanque, com um pano amarrado na cabeça para tampar o sol. Tinha um avental amarrado na barriga e ficava horas e horas metendo a mão na água, fazendo o sabão virar muita espuma. Depois torcia a roupa e ia até a corda. Prendia tudo na corda e suspendia o bambu. Ela fazia igualzinho com todas as roupas [...] Mamãe era alta, magra, mas muito bonita. Tinha uma cor bem queimada e os cabelos pretos e lisos. Quando ela deixava os cabelos sem prender, dava até na cintura [...]. (VASCONCELOS, 2013, p. 11-12).

Nota-se nesse RD que a FD de Zezé é constituída por um conjunto de sequências sedimentadas no vínculo afetivo com a mãe. São sequências que retornam à sua lembrança, despertadas pela lembrança de uma canção que ela cantava enquanto lavava a roupa e a suspendia num varal. Diante disso, observa-se que Zezé constrói, a todo o momento, seu discurso por meio da narração de fatos do passado, balizada pela memória discursiva, ou seja, quando se lembra da música que a mãe cantava, quando descreve a mãe, como ela prendia todas as roupas iguais no varal.

⁵ Este Outro (com maiúscula) faz referência ao inconsciente enquanto “discurso do Outro”, o Outro da linguagem, aquilo que é exterior ao sujeito, ainda que para tornar-se o seu mais íntimo.

Assim, a memória discursiva de Zezé não trata do presente explícito tão somente. Muitas vezes, e na maioria das passagens da obra, trata do que está implícito e daquilo que já se constituiu como passado discursivo, o “já-lá” que passa a constituir o SD Zezé tal qual ele é. Dessa forma, de acordo com os postulados da AD francesa, o SD, ao produzir seu discurso, promove uma relação desse discurso com a memória discursiva, ou seja, com todos os dizeres que já foram ditos.

De acordo com os postulados da AD francesa, o SD, ao produzir seu discurso, promove uma relação desse discurso com a memória discursiva, ou seja, com todos os dizeres que já foram ditos. Sobre a memória discursiva, Pêcheux afirma que

seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.), de que sua leitura necessita: a condição de legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Esses implícitos⁶ podem ser evidenciados diversas vezes dentro da obra analisada, como por exemplo, no **RD 3** destacado na sequência

Zezé:

Mas depois descobriram as coisas e vivem dizendo que eu era o cão, que eu era capeta, gato ruço de mau pelo. (VASCONCELOS, 2013, p. 11).

[...] Só se foi o diabo que Jandira diz que é meu padrinho, que me ensinou dormindo. (VASCONCELOS, 2013, p. 16).

[...] Tá certo que ele tem o diabo no sangue, mas mesmo assim é engraçado. (VASCONCELOS, 2013, p. 11).

Compreende-se, através desse **RD**, que todo o discurso produzido pelo sujeito terá a influência dos discursos pertencentes à sua comunidade, pois todo sujeito é produto de uma ideologia e de uma história de produção de sentidos que, no *corpus* analisado, estão configurados dentro de uma divisão de sociedade entre pobres e excluídos e ricos e mais favorecidos. Evidencia-se, assim, a presença da formação discursiva (FD). No caso do SD Zezé, ela pertence a um discurso familiar e também a uma relação com pessoas adultas, discurso esse estruturante de um perfil ruim e maldoso sobre o SD protagonista, dirigido por algumas personagens (o pai, a irmã Jandira e o irmão Totoca, além de alguns vizinhos) ao menino Zezé.

⁶ Presentes na memória discursiva, ou seja, um saber que torna possível a compreensão do sentido de nossas palavras, correspondendo ao já dito anteriormente, e que liga nossos discursos, como numa teia complexa em que ocorrem estabilizações, deslocamentos e (res) significações.

Há o tempo todo, na narrativa literária de José Mauro de Vasconcelos, a insistência com que exime o menino de culpa, atribuindo seu mau comportamento a uma força exterior incontrollável, “o diabo”, que o tenta e o vence. Esse discurso é evidenciado em diversas passagens durante a narrativa, como a destacada no **RD 4**, a seguir:

Podia ser mais bonito, mas no momento que o meu “padrinho”, o capeta, me empurrava, não podia haver nada mais gostoso que fazer artes (2013, p. 25). [...] Por que o Menino Jesus não gosta de mim? Ele gosta até do boi e do burrinho do presépio. Mas de mim, não. Ele se vingava porque eu era afilhado do diabo. (2013, p. 43). [...] Eu não presto pra nada. Sou muito ruim. Por isso é o diabo que nasce pra mim no dia do Natal e eu não ganho nada. Sou uma peste. Uma pestinha. Um cachorro. Um traste ordinário. Uma das minhas irmãs me disse que coisa ruim como eu não devia ter nascido. (VASCONCELOS, 2013, p. 117).

Nota-se que o sujeito discursivo Zezé não é apenas um indivíduo que fala e faz reclamações de sua vida, mas é um sujeito discursivo, que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico, e tem sempre a ilusão de ser a fonte do seu dizer, quando na verdade está a todo o momento retomando dizeres já enunciados anteriormente, quase sempre por outros sujeitos discursivos que fazem parte de sua família.

Em todas as passagens analisadas é evidenciado que a memória desses outros discursos está sempre presente em seus enunciados mesmo que apagada. No recorte discursivo a seguir, **RD 5**, dividido em três fragmentos, Zezé, retoma memórias passadas, tanto do discurso do pai, como daquilo que um dia lhe contaram de seu tio Edmundo, para assim produzir sentidos em seu discurso, retomando acontecimentos do passado para construir o seu presente:

RD 5a:

Totoca:

- Tio Edmundo é meio trongola. Meio mentiroso.

Zezé:

- Então ele é filho da puta?

Totoca:

- Olhe que você já apanhou na boca de tanto dizer palavrão [...] Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Zezé:

- Tem sim, noutra dia Papai conversava com seu Severino, aquele que joga escopa e manilha com ele, e ele falou assim de seu Labonne: “O filho da puta do velho mente pra burro”... E ninguém bateu na boca dele. (VASCONCELOS, 2013, p. 14).

Observa-se que, na conversa com seu irmão, Zezé rememora o discurso do pai, dando um novo significado a expressão “filho da puta”, fazendo uma relação com o adjetivo “mentiroso”, que foi atribuído ao tio pelo seu irmão. Dessa forma, Zezé acredita que se o pai já falou aquilo para seu Labonne, porque o sujeito mentia muito, ele também poderia chamar seu tio da mesma forma, porque, se ninguém bateu na boca do pai quando pronunciou essa expressão, era sinal de que não se tratava de um palavrão.

Outro exemplo dessas retomadas do passado na construção do presente é demonstrado através do segundo e terceiro fragmento do mesmo Recorte:

RD 5 b:

Zezé:

E eu fui lembrando que muitas vezes tinha escutado... Tio Edmundo era separado da mulher e tinha cinco filhos... Vivia tão sozinho e caminhava devagar, devagar... Quem sabe se ele não andava devagar era porque tinha saudade dos filhos? E os filhos nunca vinham fazer uma visita pra ele (p. 18).

RD 5 c:

Zezé:

Eu estava com muita pena dela. Mamãe nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. Sentavam Mamãe bem em cima de uma mesa e ela tinha que ficar limpando e enxugando ferros. Era tão pequenininha que fazia molhado em cima da mesa porque não podia descer sozinha... Por isso ela nunca foi à Escola nem aprendeu a ler. Quando eu escutei essa história dela, fiquei tão triste que prometi que quando fosse poeta e sábio eu ia ler minhas poesias para ela... (VASCONCELOS, 2013, p. 30).

Observando mais atentamente os discursos antes mencionados, vê-se que Zezé se utiliza da memória de outros discursos para afirmar suas impressões sobre o tio Edmundo e principalmente sobre o sentimento de pena que possui em relação a sua mãe. Nesse instante, a memória discursiva apresenta-se como um elemento crucial que proporciona o deslocamento do SD, no funcionamento do discurso, na produção do sentido.

Assim, a memória discursiva abriga o interdiscurso, é um saber que torna possível a compreensão do sentido de nossas palavras. Correspondendo ao já dito anteriormente, e que liga os discursos do personagem como numa teia complexa em que ocorrem estabilizações, deslocamentos e (res) significações. No **RD 6**, verifica-se que Zezé comprova aquilo que foi dito pelo seu irmão Totoca, a partir da influência daquilo que é externo ao sujeito, ou seja, o histórico, o social e o ideológico. Se antes Zezé achava que o Menino Jesus não nascia para

ele, pois seu padrinho era o Diabo, após o discurso do menino Serginho ele comprova esse fato, pois o menino ganhara muitos presentes de Natal. Zezé retoma aquilo que seu irmão já dissera antes para construir seu próprio discurso sobre o Natal: “Abaixei a cabeça e me lembrei do Menino Jesus que só gostava de gente rica como Totoca falara”. (VASCONCELOS, 2013, p. 53). Todo o enunciado pode ser evidenciado abaixo:

Zezé:

Ceguei perto da casa dos Villas-Boas. A casa tinha um jardim grande e o chão era todo cimentado. Serginho rodava entre os canteiros numa bela bicicleta.

Zezé:

- Você ganhou de Natal?

Serginho:

- Ganhei foi coisa. Uma vitrola, três ternos, um monte de livros de histórias, caixa de lápis de cor das grandes, uma caixa com todos os jogos, um avião que mexe a hélice. Dois barcos com vela branca...

Zezé:

Abaixei a cabeça e me lembrei do Menino Jesus que só gostava de gente rica como Totoca falara. (VASCONCELOS, 2013, p. 53).

A confluência de sentidos em toda narrativa se dá no entorno de um pai desempregado, de uma mãe ausente e da pobreza da família, em que o protagonista enuncia suas (in)certezas, faz o discurso da revolta contra o Natal, contra a religião, contra a situação social.

Nesse ponto, reside um ponto crucial, a intencionalidade desse sujeito assujeitado é desprezada, uma vez que o interessante é pontuar os efeitos de sentido das suas enunciações, entendidas as FDs e FIs postas em jogo. Um exemplo dessas FIs pode ser observado através do **RD 8**:

Zezé:

- Vou ter que aprender uma porção de hino, porque a professora disse que para ser bom brasileiro e “patriota” a gente tinha que saber o hino da nossa terra (2013, p. 69).

Zezé:

A Dorotília é mais pobre do que eu. E as outras meninas não gostam de brincar com ela porque é pretinha e pobre demais. Então ela fica no canto sempre. Eu divido o sonho que a senhora (professora) me dá com ela. [...] E eu divido o meu sonho porque Mamãe ensinou que a gente deve dividir a pobreza da gente com quem é ainda mais pobre. (VASCONCELOS, 2013, p. 75).

Primeiro, observa-se que a FI está relacionada à escola através da rememoração daquilo que já foi dito antes pela professora: “para ser bom brasileiro e patriota a gente tinha que saber o hino da nossa terra”. (VASCONCELOS, 2013, p. 69). Observa-se que há, quase sempre, a presença da memória discursiva nos enunciados do SD Zezé, estabelecendo-se assim os implícitos, ou seja, os pré-construídos, elementos já citados e relatados, discursos transversos.

Segundo, observa-se que a FI está ligada a ideologia familiar, pela qual mesmo não tendo muitas posses, deverá existir sempre a preocupação pelo próximo: “Mamãe ensinou que a gente deve dividir a pobreza da gente com quem é ainda mais pobre”. (VASCONCELOS, 2013, p. 75). Assim, Zezé utiliza-se do discurso indireto, pois se comporta como um tradutor, usando suas próprias palavras para remeter-se a um outro como fonte do sentido dos propósitos que relata. E, no discurso direto, aponta que são as próprias palavras do outro, nesse caso da sua mãe, que ocupam seu espaço discursivo: “Mamãe ensinou”. Zezé torna-se, dessa forma, um simples porta-voz dos discursos da mãe em seu próprio discurso.

Zezé, o tempo todo, está aprendendo através daquilo que escuta de outras vozes. É como vai constituindo seu discurso. No **RD 9**, observa-se que o protagonista deixa claro que tudo o que enuncia é constituído através de enunciados anteriores de alguém; neste caso, o personagem conta para sua irmã que grande parte das palavras consideradas difíceis, que caracterizam o seu discurso na obra, pois é um menino que aprendera tudo muito cedo, dotado de uma inteligência admirada por todos, foram aprendidas através das canções cantadas pelo amigo Ariovaldo:

Zezé:

E fomos (Zezé e Ariovaldo) cantando e vendendo. Ele cantava e eu ia aprendendo. (p. 83) [...] Mesmo, Glória a gente aprende muito mais cantando. Quer ver quanta coisa nova eu aprendi? [...] Veja: estivador, celestial, sideral e desditoso. (VASCONCELOS, 2013, p. 85).

Em toda a narrativa, encontram-se no discurso de Zezé ensinamentos daquilo que aprendera com os outros. Dessa forma é correto afirmar que a construção do SD Zezé se dá pelas representações que faz dos outros. Ele é constantemente marcado pela exterioridade, dessa maneira construindo-se como um ser de linguagem. Observa-se, assim, que é a memória que se faz discurso, nas histórias de vida, nas invenções de si mesmo, pois o sujeito é uma construção social e discursiva em constante elaboração e transformação. Em alguns

momentos, as lembranças dos adjetivos atribuídos a Zezé pela sua família revelam marcas identitárias e de constituição de seu próprio eu.

Ademais, a ativação da memória do Outro em seus enunciados revela as inter-relações entre passado e presente. Zezé cresceu escutando que não prestava para nada, que tinha o diabo no corpo, que não deveria ter nascido, entre outros xingamentos e discursos negativos evidenciados nos discursos dos outros personagens da narrativa. São raras as menções positivas a seu respeito, durante toda a narrativa. Esses discursos contribuíram para o caráter negativo e melancólico de seu discurso e também para construir a forma como esse SD passa a se descrever e se caracterizar em todos os seus enunciados.

Considerações finais

A partir da análise dos RDs, foi possível perceber que o discurso do Outro emerge na voz do SD Zezé enquanto um efeito de memória discursiva. Pela perspectiva dos pressupostos teóricos da AD, a pesquisa reiterou o entendimento de que linguagem é, por natureza, dialógica, já que nela se cruzam discursos outros. A teoria da AD francesa, iniciada por Michel Pêcheux (1968), compreende o sujeito como efeito de sentido entre interlocutores que ocupam posições diferentes na cena discursiva. Dessa forma, a AD distingue o sujeito empírico, entendido como o indivíduo que fala, do sujeito discursivo, determinado no/pelo dizer, mediante já-ditos em outros tempo e lugar e por outros sujeitos ideologicamente constituídos, internalizados e plenos de significação.

Durante o processo de analítico das sequências discursivas selecionadas, constatou-se que o SD Zezé convive o tempo todo com um discurso negativo sobre seu comportamento. Desde seu nascimento e até a idade de seis anos, ele sofre com rótulos que lhe vão sendo atribuídos, como “diabo, coisa ruim, demônio, alguém que não presta pra nada e que não deveria ter nascido”, instituídos pela família e vizinhança. É através desse discurso do Outro, desse “já-lá”, em relação ao seu comportamento e atitudes, que o personagem se constitui enquanto SD, pois passa a acreditar com veemência no discurso negativo que a seu respeito transita na sua FD familiar.

Dessa forma, percebe-se no personagem analisado e em seu discurso que o Outro não é um objeto exterior, sobre o qual se fala, mas a condição constitutiva, o quê estruturante do

seu discurso. Zezé passa a ser efeito de linguagem, uma representação das formas da linguagem que ele enuncia.

É dessa maneira que o sujeito Zezé significa, que seu dizer adquire sentido, retomando ideias já existentes como se elas se originassem nele. A propósito, conforme Orlandi (2013, p. 36): “sentido e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras”.

Evidenciou-se, desse modo, que a memória discursiva assumiu papel significante dentro do discurso literário, pois estabeleceu os implícitos, ou seja, os pré-construídos dentro dos enunciados do personagem principal. Dessa forma, a memória discursiva pode ser compreendida neste trabalho como o efeito da presença do interdiscurso no acontecimento do dizer. Os enunciados de Zezé são a todo tempo atravessados por sentidos já-ditos, que se apagam em sua memória discursiva. É assim que o interdiscurso se faz memória discursiva, produzindo um movimento nas redes de memória, instaurando o efeito de diferente, de outro dizer nas palavras de Zezé.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et al. *O papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Glossário de Termos do Discurso – AD*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. 3ª. Ed. Campinas: Pontes, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11ª Ed. Campinas: Pontes, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso, uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Unicamp, 1997.
- VASCONCELOS, José Mauro de. *O Meu Pé de Laranja Lima*. 117ª Ed. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

Artigo recebido em fevereiro de 2016.
Artigo aceito em maio de 2016.